

CRIS SANTOS



Deus e o Diabo NO DIVÃ

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

Deus e o Diabo
NO DIVÃ

CRIS SANTOS

Deus e o Diabo
NO DIVÃ

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Cris Santos

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Editora responsável: Cassia Oliveira
Coordenadora editorial: Silvia Segóvia
Revisão do texto: Bel Ribeiro
Ilustração de capa: Cleiton Fernandes
Capa e diagramação: Dimitry Uziel
1ª edição – dezembro de 2021

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Santos, Cris
Deus e o diabo no divã [livro eletrônico] / Cris Santos.
-- São Paulo : Recanto das Letras, 2021.
1.9 Mb ; ePUB

ISBN: 978-85-7142-115-8 (e-book)

1. Ficção brasileira 2. Humorismo I. Título

21-5478

CDD B869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira

Agradecimentos

Ào poder superior, seja ele chamado mistério, acaso, Deus, Deusa, Deuses ou Deusas.

À minha família, que me ajudou de alguma forma a escrever este livro, seja com suporte financeiro ou emocional.

Meus singelos agradecimentos a todos aqueles que me ajudaram de maneira direta e indireta a elaborar este livro, revisando ou opinando.

Introdução

A história começa com um sonho de Juvenal, um líder religioso que vive o dilema de ver tudo aquilo que aprendeu em sua vida religiosa em cheque no momento em que sua congregação se interessa por se juntar com políticos inescrupulosos que influenciam a vida dos fiéis da sua igreja.

Juvenal, abatido e decepcionado, ao ver no que está se tornando sua congregação, acaba adormecendo e tem um sonho onde Deus e o Diabo dialogam entre si.

Deus e o Diabo no divã é uma obra inusitada, pois trata-se de um diálogo entre dois seres supostamente antagônicos, mas que acabam descobrindo que têm algo em comum.

Ambos sentem-se cansados de ser considerados culpados por tudo o que acontece no mundo. Há sempre alguém dizendo: “É coisa do demo”, “eu fiz isso porque estava ‘endemoniado’”, “foi Deus quem quis assim”, “é a vontade de Deus”.

Então, Deus e o Diabo resolvem fazer terapia, pois estavam estressados e sobrecarregados da demanda humana.

Este texto mostra as agruras dos seres humanos nas figuras simbólicas de Deus e do Diabo, que, conversando, acabam se encontrando no consultório.

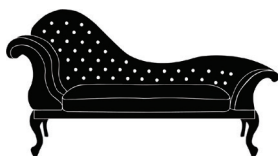
Ambos terminam por conhecer seus anseios, e vendo que “a grama do vizinho não é tão verde” concluem que tanto um quanto outro têm problemas.

Este livro é uma paródia sobre a dualidade de atribuir o bom e o mau a outrem, em vez de a nós mesmos, mostrando que ambos são seres humanos que podem estar dentro de nós.

Os personagens do livro mostram seus dilemas:

Juvenal, um líder religioso em conflito com o que aprendeu teoricamente e o que vê na prática. Deus, cansado de ser chamado para resolver todos os problemas terrestres. O Diabo, cansado de lhe ser atribuída a culpa de tudo. O terapeuta, cópia de um trabalhador comum, preocupado em pagar suas contas e bancar sua família, além da dificuldade de acesso ao tratamento de saúde mental.

Que o leitor se divirta, deleitando-se com as páginas divertidas deste livro, que procurou tratar das agruras da vida de maneira leve e divertida.



Juvenal é um líder religioso que vive pensando sobre Deus e o Diabo, ensinando o que é certo e errado de acordo com os dogmas religiosos.

Ele sempre dava atenção aos seus seguidores, assim como às questões administrativas da igreja.

Era um cara que acreditava fervorosamente em tudo que aprendera e lhe fora passado pelos pais desde a infância.

Ainda mais agora, quando o mundo estava num caos e que parecia desencadear a ocorrência de tantos problemas no meio ambiente. Nem ele mesmo sabia mais o que fazer diante daquela realidade.

Além disso, começava a questionar o que era certo ou errado diante das injustiças dentro e fora da igreja.

Via o mundo entrando em colapso, e começou a fazer vários questionamentos na vida.

Via as notícias e tudo de ruim que estava acontecendo em cada local do mundo, mas agora estava chegando cada vez mais perto dele, e não sabia mais o que fazer.

O planeta Terra estava cada vez mais em perigo, pois as guerras estavam aumentando em razão da escassez de produtos.

As brigas por água, petróleo e outras riquezas naturais, causando guerras entre países de todo o planeta.

Pessoas fugindo de mísseis e de grupos que querem exterminar aqueles etnicamente diferentes.

Atravessando fronteiras de todos os modos possíveis, a pé, em barcos, e alguns privilegiados de avião.

Não havia mais água doce, praticamente acabara, e o que restou estava poluída.

Não se podia mais tomar aquele banho no mar ou no rio, tampouco expor-se ao sol para obter aquele bronzeado almejado, pois o sol torra a pele, não há mais proteção da camada de ozônio.

Não havia mais vento, porque as árvores foram cortadas para dar lugar aos gados, que disseminaram muito metano com seus gases e fizeram desaparecer a camada de ozônio.

As calotas polares derretiam, aumentou o volume de água no mar e muitas cidades estavam sendo invadidas pela água.

Inúmeras pessoas morriam afogadas e outras corriam para outros lugares, fugindo da inundação, indo para poucos lugares onde o mar não havia invadido.

Assim, as pessoas brigavam e se matavam mais do que o habitual por espaço e comida.

Afinal, nem agrotóxico faz nascer hortas e pomares; as plantas precisam de água como nós, humanos.

As terras estavam deixando de ser produtivas, pois o excesso de veneno lhe dera fim, e quase nada era possível plantar.

A fumaça das queimadas estava fazendo as pessoas fugirem de um lugar para outro sob uma escuridão na qual não existia dia, somente noite, pois a fumaça escondia o sol.

Respirar ficava mais difícil caso não se dispusesse de oxigênio portátil.

Em geral, era comum muitos morrerem no meio do caminho abatidos pelo calor, pela fumaça ou pelo fogo.

As pessoas estavam comendo umas às outras, pois o sol estava muito forte e o gado morrera, desidratado, porque não havia mais água.

Os que permaneciam dentro de casa nos grandes centros, acuados pelas catástrofes que viam pela TV, ficavam agoniados ante tantas notícias.

Nesses momentos de desespero as pessoas procuram algo para suavizar suas angústias.

Começavam a ir às igrejas rezar e expurgar suas tristezas, e os que tinham dinheiro faziam terapia.

Não havia mais água doce, e quando se encontrava era muito cara, pois passava por um processo químico complexo para ser produzida em série. Havia somente água dessalinizada.

As empresas não estavam dando conta da produção e os empregados encontravam-se estafados por estar trabalhando além dos limites.

A água tornara-se iguaria. Era chique exibir uma garrafa d'água. Muitos que a tinham a escondiam para não ser mortos ou assaltados.

Nos hospitais não havia mais água para os profissionais de saúde fazer assepsia e cuidar dos pacientes.

Todos estavam esgotados pelo acúmulo de atendimentos devido à falta de água; muitos desidratados, e outros com doenças causadas pela falta de higiene.

Os médicos escolhiam quem teria mais chance de sobreviver para atender, pois havia poucos aparelhos e também o risco de muitos acabarem contaminados pela mesma enfermidade dos outros pacientes por não existir equipamentos de proteção para todos.

Nessas horas caóticas e desalentadoras, em que há pessoas fragilizadas, todos procuram conforto e confiança no que é falado.

Os noticiários só mostravam tragédias, e agora muito mais. Pessoas fazendo saques, invadindo lojas para não morrer de fome.

Juvenal sentia ter esta obrigação; todavia, sentia também o mesmo que seus fiéis, começando a questionar a presença divina diante de tanta tragédia causada pelo próprio ser humano.

Afinal, se somos a imagem e semelhança divina, por que somos tão cruéis se Deus é tido como bom?

Como em qualquer lugar, sempre havia picuinhas e hipocrisias.

Juvenal estava cansado de ver colegas praticando atos diferentes do que os dogmas prescritos, como aqueles que desviavam dinheiro da igreja para sua luxúria.

Ele estava ficando cansado e desiludido, pois também via seguidores que, dentro do templo, eram uma pessoa, e fora outra.

Sentia angústia vendo tantas injustiças e maldades, inclusive contra si mesmo dentro da igreja, e começou a questionar seus dogmas e a presença de Deus e do Diabo.

Começou a perguntar a si mesmo se os dois existiam ou se não passavam de ficção.

Impunidade. Pessoas que se acham acima do bem e do mal, psicopatas, misérias, doenças, corrupção, entre outros males.

Ele percebeu que as pessoas usam umas às outras e amam as coisas. Isto vai de encontro com o que se prega e se aprende em casa e nos dogmas.

Ele sentia-se impotente diante daquela realidade e não sabia o que dizer.

Ficava aflito e apreensivo.

Questionava-se se havia vida após a morte e a possível separação entre céu e inferno, já que as pessoas se comportavam como se nada existisse.

Ele também nunca recebera ninguém que tivesse vindo de um desses dois lugares.

Assim, começou a entrar em conflito consigo, mas, ao mesmo tempo, devia transmitir convicção e força espiritual para alguns seguidores.

Seus questionamentos eram os mesmos dos seguidores, muitas vezes até mais.

Seu alento era chegar em casa e conversar com sua esposa.

– Amor, sinto que minha cruz é pesada e não sei mais o que fazer. Estou perdendo a crença, e sinto o peso de ser eu mesmo.

Sua esposa perguntou:

– Por que, querido?

Ele respondeu:

– Sinto um aperto no peito, tenho angústias e questionamentos, amor. Pergunto se o que faço é certo.

A esposa de Juvenal diz:

– Claro que é, querido! Você é um líder religioso que vive ajudando as pessoas, não entendo sua incerteza.

Juvenal contesta:

– Mas questiono tudo nesta vida. O que fazer? Para que existem os dogmas, por que não são postos na prática?

E continua:

– Eu também estou desiludido com a rivalidade entre os líderes, uns querendo aparecer mais que outros, brigando por protagonismo, principalmente para ganhar dinheiro com palestras e livros de autoajuda. Afinal, a fragilidade emocional pela qual as pessoas passam hoje em dia, em razão das mudanças mundiais, faz aparecer quem quer se beneficiar com isso.

– Se não fosse você, amor, eu não teria ninguém com quem falar.

– Não tenho ninguém em quem possa confiar na igreja. As pessoas são falsas, e tudo o que você fala pode ser usado contra si mesmo – afirma o jovem líder a sua esposa.

– Eu também me pergunto se tudo aquilo que aprendi é realmente verdade.

Sentia-se um enganador vendendo esperanças para os fiéis apesar de ele mesmo não tê-la.

Ele viu dentro da sua sede religiosa tudo que abominava. Sentia-se desiludido e ao mesmo tempo inconformado com tudo que presenciava. Estava cansado

e enfadado com o número de pessoas que o procuravam para pedir um alento, um conselho.

Agora, os líderes religiosos deviam ser interativos. Deviam cantar, escrever livros, fazer palestras, ter redes sociais, blogs, canal na internet, programa de televisão.

Ao mesmo tempo que o elogiam o perseguem. Ele não estava habituado a esse novo ambiente da era tecnológica. Crescera em outra era, antes da internet.

Mas tinha que se adaptar, pois o mundo exigia. Caso contrário, torna-se-ia obsoleto e excluído de tudo. Aí, a vida, que já não era boa, viraria uma catástrofe.

Apareceram falsos profetas e líderes religiosos prometendo salvação, pessoas rezando, chorando e hipnotizadas por eles, tudo em razão de suas fragilidades emocionais.

Juvenal percebeu que sua congregação estava interessada neste nicho.

Os fiéis, entorpecidos, faziam tudo que os falsos profetas mandavam, inclusive obrigar e perseguir pessoas, visando que seguissem a mesma religião, sob pena de ficar excluídas da sociedade ou até mortas em nome do divino, pois os entorpecidos eram obrigados a falar somente com pessoas que professassem sua religião.

Por isso muitos líderes políticos, inclusive os poderosos, juntavam-se a esses “profetas” para conseguir seus objetivos, pois nenhum político venceria, sendo ele um profeta ou se não se sujeitasse a algum falso profeta.

Os falsos profetas usavam os fiéis como eleitores e cabos eleitorais.

Juvenal viu e presenciou de tudo nas reuniões da sua igreja com líderes religiosos.

Ficou cada vez mais desgostoso diante do que via, e escutava nos bastidores da sua igreja a perigosa relação que estava tendo com a política só para ter mais poder, mais fiéis e mais dinheiro.

Tudo que ele aprendera estava sendo desvirtuado com essa união espúria, na qual sentia-se deslocado diante do que estava vendo.

Tudo tornara-se um ciclo vicioso. Cada vez mais em casa as pessoas ficavam doentes, desesperadas e depressivas.

Os líderes nem precisavam criar esta ideia, pois o caos fez nascer uma nova ordem, a dos novos líderes dos fragilizados pelo caos. Todos brindaram e disseram ao mesmo tempo:

– Do caos fazemos a ordem, a nossa ordem – rindo e brindando com seus espumantes.

Pessoas com medo e fome não pensam, assim como aquelas isoladas socialmente.

Aí surge um líder espiritual, um guru, um religioso, profissionais de saúde mental e os charlatões que sempre entregam um livro oferecendo conforto e um cartão de apresentação.

Os líderes da igreja de Juvenal estavam brigando por quem faria a apresentação; ou seja, quem teria mais poder e dinheiro.

A rixa e a rivalidade aumentaram mais ainda.

Enquanto isso as pessoas morriam e, antes de morrer, rogavam a Deus e ao Diabo devido à situação caótica causada pela misteriosa bactéria encontrada nas águas.

Em geral, os verdadeiros líderes, não os oportunistas, também estavam estressados, pois era muita gente que ou-viam durante a confissão de suas agruras, mas não tinham ninguém para escutar as suas.

Raros eram aqueles que admitiam fazer uma terapia, pois sempre estavam condicionados às orações e rezavam para Deus e/ou O temiam/respeitavam.

Juvenal estava vendo TV, questionando em sua mente vários dogmas que sua igreja pregava, quando adormeceu e começou a ter um pesadelo com Deus e o Diabo, no qual um conversava com o outro em um divã.

Deus e o Diabo estavam no divã!

Também estavam estressados e desanimados.

Viam o mundo como está, e as pessoas xingando e culpando umas às outras por suas agruras pessoais.

Uns iam à igreja e culpavam o Diabo, o culpado de tudo, diziam os líderes religiosos.

Outros culpavam Deus, já que rezavam e não viam suas preces atendidas.

Ambos não aguentavam ser pisados e xingados.

Sentiam-se estressados em ver tanta gente chorando, implorando, tendo que tomar conta do mundo e ninguém para cuidar deles.

Só lhes restava procurar um Poder Superior para con-versar e se consolar.

Afinal, a quem eles iam rezar e pedir se todos rezavam fazendo o mesmo e pedindo a eles?

Estavam “pilhados”, como diziam os jovens.

Tentaram uma vaga no hospital público, pois problemas da saúde mental são caros e ninguém os leva a sério.

Sempre dizem que é “coisa de maluco, frescura, falta do que fazer, ‘vai procurar um emprego’, preguiça, doença de rico, tem gente em situações piores que você, veja as pessoas morrendo de fome, veja gente com doenças piores que a sua, você é um privilegiado, levanta da cama, vai rezar, falta de Deus, coisa do demo etc.”

Ninguém fala nada disso quando alguém tem uma doença ou dor física, como dor de dente ou cólica. Alguém já viu uma pessoa falar essas coisas para outra com alguma dessas doenças?

As doenças mentais corroem as pessoas sem que sintam, sem que as pessoas ao redor a reconheçam. Seu portador sente vergonha de dizer que tem uma doença deste tipo.

Muitas vezes acham que você é maluco e fazem chacota com isso.

Todos dizem que vão ao dentista, mas poucos declaram que vão a um psiquiatra ou psicólogo.

Os planos de saúde quase não cobrem este tipo de doença, e os poucos profissionais de saúde que constam no plano estão abarrotados de clientes e não podem atender com periodicidade regular.

Os remédios modernos são caros e provocam menos efeitos colaterais.

E todos xingam Deus e o Diabo pelos erros cometidos, mas muitos não entendem o porquê de Deus deixar destruir seu mundo se ele mesmo o criou.

É como quebrar uma parede que você construiu ou dar um soco na sua própria cara.

Será que Deus tem instinto de autodestruição, como um viciado ou um automutilador?

Deus começou a se questionar e entrar em crise existencial, passando a se perguntar:

– Por que me xingam? Nem eu me entendo direito. Nem sei quem me criou, sou órfão de pai e mãe, e não tenho conforto, alguém com quem rezar, falar.

E exclama:

– Só recebo xingamentos e pedidos. Não aguento mais! Usam meu nome para tudo, e nem ganho direito autoral ou de imagem!

E continua na sessão de terapia:

– Aliás, nem enxergo minha forma, sou amórfico e não sei meu gênero sexual; não sei se sou binário ou não binário; se cis ou trans. Será que sou homem ou mulher? Acho que sou assexual, mas ainda não sei se sou bi, gay, lésbica ou heterossexual. Mulher? Só se for empoderada.

Deus estava tão descompensado que continuou a falar:

– Só tive tempo para resolver problemas, nem pensei em mim; tanto que não uso calcinha ou cueca, acho que estou ficando louco, preciso de terapia – continua ele.

Enquanto isso, o Diabo estava estressado, pois não aguentava gente xingando-o ou pedindo coisas.

O Diabo era mais impaciente e estourado do que Deus, e também foi a sua sessão de terapia esbravejando:

– Que saco! Sempre xingado, minha autoestima está no dedão do pé. Eu sempre sofri relação abusiva, assédio... Chega! Tudo de ruim sou eu, mas ninguém me dá crédito quando lhes dou o que pedem. Nem um agrado eu ganho – continua ele. – Isso é *bullying!*

Ele também esbraveja com seu terapeuta:

– Só me dão estes chifres horrorosos e esta roupa vermelha e preta que não aguento mais. Eu não aguento mais usar vermelho e preto. Não tem uma cor mais *fashion* para mim?

Deus faz o mesmo questionamento ao seu terapeuta:

– E eu? Que sou sempre um velho barbudo? Nunca me desenham saradão, barriga trincada, bonitão! Estou de saco cheio de usar branco, queria um estampado.

– Esse povo é muito chato e falso – alfineta o Diabo.

Mas Deus e o Diabo estavam numa encruzilhada: a quem iriam rezar, pedir preces, se as pessoas é que lhes pediam?

Somente havia raiva contra eles.

Eles não tinham base, alicerces para ajudá-los.

Nasceram sem pai, mãe, sem família nem amigos.

São órfãos, e a vida se tornava o orfanato de cada um.

Mas ambos não tinham esperança ou angústia de ser adotado por alguém.

Ninguém os ensinara o que é certo ou errado, não tinham noção de tempo nem que suas vidas são infinitas.

Não sabem o que é carinho, amor, amizade, ajuda.

Sempre tiveram que se virar sozinhos na missão de ajudar ou atrapalhar os outros.

Seus professores foram a vida, pois alguém decidira que eles nasceriam com o dom da sabedoria.

Eles não conheciam suas origens, como surgiram.

Sentiam-se tão amargurados quanto uma criança abandonada num orfanato sem saber quem eram seus pais.

Sentiam-se mais angustiados que uma criança nascida de inseminação artificial, em que não se conhece o homem que a gerou.

Sentiam-se angustiados como uma criança desprezada pelo pai e criada somente pela mãe, sem ter o nome dele na sua certidão de nascimento ou registro de identidade.

Complicado viver assim, pois a quem iriam recorrer se estivessem mal tendo de aparentar estar bem?

Começaram o atendimento, mas haviam aguardado muito tempo esperando uma consulta com o psicólogo e o psiquiatra.

Conseguiram uma consulta com o psicólogo, mas a outra só dali a um mês.

Ficaram novamente depressivos, pois havia muita coisa para falar e apenas uma sessão não seria suficiente para dizer tudo que sentiam.

A angústia ainda persistia nos dois, e nenhum deles sabia que ambos estavam fazendo tratamento.

Ninguém fala que tem um problema mental.

Imagine Deus e o Diabo, forças antagônicas que são tidas como fortes, indestrutíveis e bélicas!

Também tentaram procurar um psicólogo em uma universidade no núcleo de prática profissional.

Mas, bastava mudar de semestre, mudava o profissional. Afinal, a maioria era estudante, e a cada semestre sempre havia novos estagiários.

Então, tudo começa novamente, contando todos os seus problemas para outro profissional.

E tudo começa sem fim e andando no mesmo lugar, como na mitologia de Sísifo.

Sísifo foi condenado a rolar uma pedra de mármore por toda a eternidade até o topo da montanha. E a cada vez que alcançava o topo a pedra rolava até o chão e começava tudo novamente, num ciclo sem fim.

Deus e o Diabo sentiam-se fazendo o trabalho de Sísifo, pois ambos, assim que começavam um tratamento, mudava o profissional, a quem deviam novamente começar a falar dos seus problemas e dilemas.

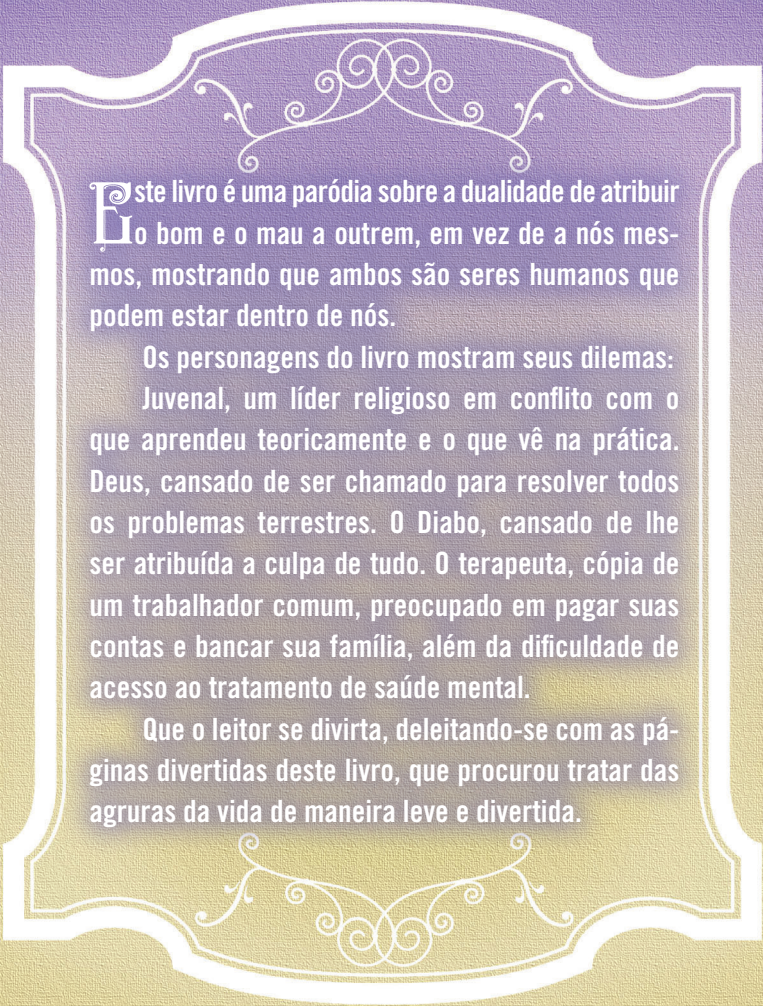
Falar repetidamente de seus problemas faz com que uma pessoa não agüente rever seu sofrimento, e assim o tratamento se torna um tormento.

Ambos tentaram encontrar um psicólogo ou psiquiatra no seu plano de saúde, mas não encontraram. Todos estavam ocupados.

Chegou o dia em que tinham uma consulta com o psiquiatra no posto de saúde.

Mal sabiam eles que a consulta, dita individual, seria em grupo.

O psiquiatra não tinha tempo para atender um por um e necessitava preencher a produtividade como o governo cobrava.



Este livro é uma paródia sobre a dualidade de atribuir o bom e o mau a outrem, em vez de a nós mesmos, mostrando que ambos são seres humanos que podem estar dentro de nós.

Os personagens do livro mostram seus dilemas:

Juvenal, um líder religioso em conflito com o que aprendeu teoricamente e o que vê na prática. Deus, cansado de ser chamado para resolver todos os problemas terrestres. O Diabo, cansado de lhe ser atribuída a culpa de tudo. O terapeuta, cópia de um trabalhador comum, preocupado em pagar suas contas e bancar sua família, além da dificuldade de acesso ao tratamento de saúde mental.

Que o leitor se divirta, deleitando-se com as páginas divertidas deste livro, que procurou tratar das agruras da vida de maneira leve e divertida.